

1

Introdução

Parece haver pouca dúvida de que o uso do humor nas comunicações verbais é um fenômeno comum a todas as culturas. Objeto de estudo de diferentes campos do saber, o humor tem sido estudado em diferentes tradições de pesquisa em Estudos da Linguagem. Há tentativas de se definir o humor e fazer uma taxonomia das suas funções, mas, acreditamos que, por se tratar de um fenômeno complexo, multifacetado e intrinsecamente associado ao contexto em que ocorre, deva ser analisado local e interacionalmente. Contemporaneamente, a maioria dos estudos lingüísticos focados no humor tem se concentrado nas suas características semânticas ou pragmáticas, embora existam estudos no âmbito do Discurso Crítico e da *Análise da Conversa* com tradições etnográficas (cf.: Travaglia, 1990). As pesquisas realizadas dizem respeito tanto à comunicação no trabalho como à comunicação intercultural e procuram ora estabelecer uma tipologia para o humor, ora focalizar a piada, ora a ironia, entre outros (cf.: Kotthoff, 2003). Embora haja preocupação crescente com o desenvolvimento dos conhecimentos relacionados ao tema proposto, ainda são poucas as contribuições para o estudo do humor conversacional, especialmente em encontros sociais informais, no âmbito da sociedade brasileira.

Este trabalho pretende, portanto, contribuir com as pesquisas que tem como foco a fala natural em situações informais do dia a dia, investigando, em particular, como se dá a co-construção do humor conversacional em encontros entre amigos.

Sob o enfoque da Sociolinguística Interacional (Bateson,1972; Goffman,1981; Gumperz,1982, Tannen, 1989) em interface com a *Análise da Conversa* (Sacks, Scheglof & Jefferson,1974), pretendemos entender as seguintes questões: O que faz de um enquadre de brincadeira um ambiente propício para a criação e o estabelecimento de envolvimento dos participantes entre si e com o contexto em que se inserem? Quais são os elementos, apontados pelas pistas de contextualização, que auxiliam e criam o estabelecimento do enquadre de brincadeira? De que forma a organização de preferência ocorre e como ela contribui para que possamos entender as opções de pares adjacentes selecionados pelos interlocutores que levam à contribuição com o estabelecimento do enquadre de brincadeira? Qual é a relação

entre o humor e o envolvimento gerado pelas estratégias que identificamos, a saber, as imagens, a repetição e o diálogo construído?

A análise a que nos propomos é de natureza essencialmente qualitativa e interpretativa. Serão importantes em nosso estudo, sobretudo, as seguintes noções teóricas: i) da Sociolinguística Interacional: a) enquadres e esquemas de conhecimento (Goffman, 1981; Tannen, 1987 [2002], b) pistas de contextualização (Gumperz, 1982), c) estratégias de envolvimento (Tannen, 1989); ii) da Análise da Conversa a) pares adjacentes (Sacks & Schegloff, 1979) e b) organização de preferência (Schegloff & Jefferson & Sacks, 1977; Pomerantz, 1984).

Primeiramente, foram gravadas conversas entre oito amigos em quatro encontros informais quando o grupo se reunia para almoços. As gravações foram mapeadas tendo em vista os momentos de humor para que, em seguida, fossem analisadas sob a luz dos conceitos acima mencionados.

Nosso objeto de estudo é, portanto, o humor conversacional (Crawford, 2003; Davies, 2003; Coates, 2007), ou seja, o humor que emerge espontaneamente da interação e é co-construído a partir das contribuições dos seus participantes.

Entendemos que a investigação do humor nas interações não institucionais contribui para a compreensão da construção do sujeito social e da sociedade em que ele vive. O humor pode funcionar como uma estratégia discursiva e interacional para a construção da realidade social dos membros de uma dada cultura e entender como ele é construído ajuda a delinear a organização e as nuances da cultura em questão. Além disso, conforme aponta Travaglia (1990), o humor pode ser uma espécie de arma de denúncia ou uma forma de revelar e flagrar outras possibilidades de visão do mundo e das realidades naturais ou culturais que nos cercam e, assim, de desmontar falsos equilíbrios. Acreditamos que o enquadre de brincadeira só é estabelecido quando existe um acordo entre os participantes envolvidos e que o compartilhamento de esquemas de conhecimento é o grande responsável pela identificação da proposta de brincadeira. O humor não é passível de ser construído por apenas um participante da interação, ele necessita da filiação do (s) interlocutor (es) envolvido(s).

Esta dissertação organiza-se da seguinte forma: além desta introdução, Capítulo 1; apresentamos, no capítulo 2, algumas perspectivas teóricas no âmbito da filosofia (Bergson,1900) e de estudos da linguagem (Norrick, 1986; Attardo,1994; Kotthoff, 2002) que tem o humor como objeto de estudo. No capítulo 3, elaboramos os conceitos teóricos segundo a Sociolinguística Interacional e a Análise da Conversa, perspectivas teóricas que utilizamos para construir a análise de nossos dados. No capítulo 4, explicitamos a forma como a pesquisa foi conduzida, apresentando a metodologia e os dados de pesquisa. Em seguida, o capítulo 5, dedica-se à análise dos dados, observamos como se dá a construção do enquadre da brincadeira, a não aceitação deste enquadre e o enquadre da brincadeira aparente; analisamos algumas estratégias de envolvimento e observamos a organização de preferência. Por fim, no capítulo 6, procuramos organizar as descobertas que o trabalho traz para o estudo do humor num ambiente interacional e informal, contribuindo também para os estudos do ensino de português como segunda língua.